

A galáxia Lombroso



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI

EDITORIA
UNICAMP

Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO

DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES

IARA BELELI – MARCO AURÉLIO CREMASCO – PEDRO CUNHA DE HOLANDA

SÁVIO MACHADO CAVALCANTE – VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ

Livio Sansone

A galáxia Lombroso
A EXTRAORDINÁRIA POPULARIDADE
DE CESARE LOMBROSO E DO
LOMBROSIANISMO NA AMÉRICA LATINA

Tradução
Roberto Vico

EDITORIA
UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIVISÃO DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Gardênia Garcia Benossi – CRB-8ª / 8644

Sa58g

Sansone, Livio, 1956-

A galáxia Lombroso : a extraordinária popularidade de Cesare Lombroso e do lombrosianismo na América Latina / Livio Sansone ; tradutor : Roberto Vico. – Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2024.

Título original: *La Galassia Lombroso, l'Africa e l'America Latina*

1. Lombroso, Cesare, 1835-1909. 2. Criminologia. 3. Degeneração. 4. Crime - Aspectos sociológicos. 5. Criminologia - América Latina. I. Vico, Roberto Paolo. II. Título.

CDD – 364
– 301
– 364.2
– 364.98

ISBN 978-85-268-1728-9

Copyright © by Livio Sansone
Copyright © 2024 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade do autor e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Lombroso era filólogo, filósofo, místico, anatomista e antropólogo, neurologista, psiquiatra, sociólogo, estatístico e especialista em ciências sociais e políticas.

Kurella, 1911, p. 1

Lombroso era um poeta antes de ser um cientista, um homem de imaginação antes de ser um pesquisador.

Necrológio no jornal *O Estado de S. Paulo*

A “escola” de Lombroso é um fenômeno interessante na psicologia coletiva. O professor de Turim é o símbolo convencional de um partido científico. Ninguém acredita nele de todo o coração, ninguém compartilha suas teorias sem o benefício do inventário; mas todos o chamam de mestre, mestre ilustre, mestre eminente.

A primeira impressão que uma reunião de seus discípulos dá é desagradável: parece um comitê de políticos pouco competentes, uma assembleia de padres incrédulos, um conselho de idólatras que riem do fetiche.

Porém, estudando-o melhor, por detrás daquela aparente comédia convencional com aquele homem carinhoso, descobrimos uma sincera satisfação com aquele homem bondoso e frágil que lutou tenazmente e com rara persistência pelo triunfo de novos horizontes que vislumbrava, mas não sabia definir.

Eles sabem, e ousam dizê-lo em voz baixa, que Lombroso foi apenas um grande promotor, um grande portador de ideias, e que caberá a outros realizar a verdadeira elaboração crítica e a generalização precisa de seus teoremas primitivos.

Ingenieros, 2009, p. 43

Lombroso [...], um estudioso onívoro.

Frigessi, 2005, p. 1

Qualquer pessoa, portanto, podia se apropriar da linguagem de Lombroso, mesmo sem citá-lo.

Maristany, 1983, p. 362

Sumário

Prefácio	9
Introdução – Na trilha de Nina Rodrigues	13
Capítulo 1 – A questão racial no final do século XIX	21
Degeneração e raça	21
Lombroso, a África e os africanos	44
Capítulo 2 – A galáxia Lombroso como <i>home science</i> global	67
Oficina, museu, revista e sala de estar	74
A rede internacional: o exterior como uma brecha	81
Um olhar sobre Cuba, o México e a Argentina	85
No Brasil	90
Capítulo 3 – Encontros e desencontros na América do Sul	103
Guglielmo Ferrero e Gina Lombroso	104
Enrico Ferri	128
Capítulo 4 – O papel do Brasil e da América Latina na geopolítica do conhecimento: raça e positivismo	157
“Lombrosianismo” e a América do Sul	164
Lombrosianismo depois de Lombroso	172
Capítulo 5 – Reflexões finais sobre a circulação do pensamento lombrosiano na América Latina	197
Apêndice – A trajetória das ideias de Cesare Lombroso na Itália e no mundo	205
Bibliografia e fontes	211
Índice onomástico	227

Prefácio

Este livro trata de uma questão crucial na história das ciências sociais, em particular das ideias sobre raça, a África, o africano e o negro: a forte influência que o pensamento de Cesare Lombroso, ou suas reinterpretações, e a rede de pesquisadores que ele criou exerceram na formação das ciências sociais na América Latina e, mais especificamente, no Brasil.

Como acontece com todos os que lidam com personalidades que o tempo está definindo como controversas e difíceis, frequentemente me perguntam por que me interesse tanto por Cesare Lombroso. Talvez porque eu também, como muitos outros antes de mim, no fundo, me sinto atraído por temas que talvez sejam escabrosos hoje, mas sempre atuais, como atavismo, degeneração, fisionomia, hipnose, a relação entre loucura e gênio, arte prisional, tatuagens, jargões e messianismos? Lombroso faz parte de um longo percurso e insere-se em um projeto mais amplo que visa escrever uma história universal do racismo – termo utilizado para indicar a construção e circulação de ideias de raça – e racismo verdadeiro – o uso de ideias de raça para excluir o outro. Um projeto que busca entender não apenas a complexidade do contexto em que essas ideias foram criadas, para as quais contribuíram não apenas teóricos conservadores, mas também estudiosos ligados à emancipação de grupos subalternos ou discriminados (como vários teóricos judeus) e até boa parte dos socialistas e anarquistas. Nesse sentido, vários líderes afro-americanos retomam as categorias racistas – por exemplo, a crença na existência de quatro “grandes raças” – para criar um novo discurso sobre a emancipação do racismo (colonial).

Venho lidando com “raças”, etnicidade e racismo desde que comecei a me formar como antropólogo no final da década de 1970, com pesquisas voltadas para a etnografia e, mais recentemente, baseadas no trabalho de arquivo. Este último, de fato, considera-nos, os antropólogos, pouco preparados e até nos cria uma certa inibição, levando-nos a nos perguntar: o que estamos fazendo nos arquivos, quando estes são o lugar dos historiadores? Entretanto, hoje

não é possível estudar os temas candentes levantados pelas novas etnicidades, pelos neonacionalismos antiglobalização, pelos usos políticos da raciologia para excluir o outro como parte de novas formas de populismo, mas também por um certo novo uso de categorias de tipo étnico-raciais por grupos subalternos que buscam respeito e cidadania, sem tentar historicizar e entender as origens do pensamento racial como parte integrante do contexto em que se criaram e desenvolveram tanto a maioria dos movimentos sociais como as verdadeiras ciências sociais. Confesso que, por ter uma formação em sociologia e antropologia, me movo melhor no espaço – pesquisando redes, circuitos e rotas – do que no tempo, investigando raízes e “tradições” como um historiador. Apesar disso, tenho de todas as formas que estabelecer um diálogo específico com a história do pensamento racial e do racismo.¹

Sabemos que a pesquisa social – especialmente para um antropólogo – sempre envolve um ato de autoconhecimento; portanto, considero apropriado tomar uma posição também do ponto de vista do meu percurso pessoal. Este livro também representa o resultado de um diálogo “entre dois mundos”, entre o país que me formou, a Itália, e o que me adotou, o Brasil; existe, então, uma dimensão que eu poderia definir como “proustiana” nessa minha pesquisa. Se isso não é um retorno às origens, é certamente uma releitura de uma parte da “história da pátria” à luz de quase 40 anos de vida no exterior. O interesse pela “questão racial” e pela África – o continente que, em grande parte como o oposto da Europa, serviu para colocá-la em ação – cresceu comigo desde que comecei a me interessar pelo mundo. A “raça” e a África fizeram parte da minha socialização infantil mesmo antes de serem tratados – maltratados – em meu ensino médio. Embora quase sempre ausente de nossa educação canônica, a África está presente nos interstícios da nossa formação, mas também dos nossos sentidos, dada a sua preponderância, embora sempre aproximada e raramente individualizada ou autoral, nos campos da música, da dança, das artes plásticas e da *airport art*. No meu caso, as “memórias” da África coagulam-se em torno de certos tópicos: Abebe Bikila nas Olimpíadas de Roma de 1960; o Massacre de Kindu; Moïse Ciombe (na segunda metade da década de 1960, em nossa casa a palavra “Ciombe” tornou-se equivalente a “verme traidor”) e Patrice Lumumba, os filhos de diplomatas africanos no bairro Parioli, com quem eu brincava nas ruas; o filme *A Batalha de Argel* (Gillo Pontecorvo, 1966), no qual meu pai colaborou e durante a sua realização um exilado argelino morou, por um período, em nossa casa (Ali Laguel, de quem infelizmente perdi o rastro); depois as viagens ao Mali e a Uganda, para visitar meu pai que viveu e trabalhou lá por muitos anos; a incrível

quantidade de objetos africanos coletados por meu pai e sua esposa; as histórias e opiniões pouco convencionais e geralmente positivas de meu pai sobre Muammar Gaddafi, Idi Amin e, acima de tudo, Thomas Sankara.

Meu interesse pelo pensamento racial, sua história e atualidade, e pela presença da África em nosso imaginário e aparato sensitivo, portanto, tem quase a minha própria idade. Entretanto, não é a única razão pela qual a pesquisa que está por trás da escrita deste livro tem um quê de perseguição proustiana atrás do tempo perdido. Para mim, tratou-se de um retorno à Itália – e ao idioma italiano – depois de uns bons 40 anos vivendo e pesquisando no exterior. Estar um ano na Itália com meus dois filhos adolescentes – o meu futuro –, mas também em contato com meu pai e meu tio – o meu passado –, levou-me a um confronto, quase obrigatório, com a memória e as expectativas, que, por sua vez, influenciam o que se busca hoje e o que se quer lembrar do passado. Muitos de nós vemos a pesquisa e, acima de tudo, a escrita de um livro como algo que se realiza melhor em condições de esplêndido isolamento. Nesse caso se trata, eu diria, do oposto. Eu estava pesquisando e escrevendo no tempo em que meu passado (meu pai) e meu futuro (meus dois filhos) me deixavam livre.

Minha história pessoal também influenciou a construção do meu objeto de pesquisa: li de tudo, mas não tudo. Tive de me confrontar com a história e a grande experiência historiográfica italiana sobre o Ressurgimento e a Itália liberal, além de uma crescente *scholarship* que revisita a história colonial, o debate sobre o caráter, as origens e o tecido da população italiana, sem esquecer a questão do Sul da Itália. Pela primeira vez em mais de 20 anos, senti-me como na época de minha tese de doutorado, quando não sabia para onde direcionar minha escrita, desorientado diante da imensidão do conhecimento. Era necessário, embora impossível, acompanhar tudo e ser um especialista nos vários campos de pesquisa abordados neste livro: antropologia física e cultural, criminologia, história da ciência e, acima de tudo, da medicina, psiquiatria, “ciência policial” e história do pensamento racial e do racismo. Valeu, porém, a pena, aventurar-me. Uma aventura que teria sido ainda mais árdua se eu não tivesse contado com a colaboração e a generosidade de Silvano Montaldo e Cristina Cilli, do Museu Cesare Lombroso da Universidade de Turim; Carlotta Sorba e Annalisa Frisina, da Universidade de Pádua; Gaia Giuliani, Tatiana Petrovitch, Francesco Pompeo, Michela Fusaschi; colegas da Biblioteca de História Moderna e Contemporânea de Roma (especialmente Rosanna de Longis); Vito Lattanzi, do Museu Pigorini de Roma; Maria Grazia Rosselli e Monica Zavattaro, do Museu de Antropologia e Etnologia

da Universidade de Florença; Jennifer Comins, da Rare Book and Manuscript Library da Universidade Columbia; Rosario Perricone, do Museu Internacional das Marionetas de Palermo. Agradecimentos especiais à equipe do Arquivo Vieusseux em Florença; da Biblioteca Nacional dos Arquivos da Academia Brasileira de Letras e da Casa Rui Barbosa, no Rio de Janeiro; do Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo; aos colegas argentinos Maximo Sozzo e Alejandra Mailhe; aos colegas cubanos Maria del Rosario Diaz e José Matos. Sem o estímulo e o apoio de Marco D'Eramo, Marina Forti, Michele Buracchio e Roberto Travagli, e o apoio incansável de Giovanni Carletti e de muitos excelentes colaboradores da Editora Laterza e da Editora da Unicamp, este livro não teria sido feito. Por fim, agradeço à Fundação de Amparo a Pesquisa da Bahia (Fapesb) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo apoio.

Devo acrescentar que, além de ter que me familiarizar com uns relativamente novos campos de estudo para mim, foi igualmente difícil voltar a escrever em italiano, que depois de tantos anos está se transformando de língua materna em “língua madrasta”. A matriz de uma pesquisa que pretende ser internacional e que abrange um período relativamente longo, além disso, certamente mostra uma tênue marca d’água em muitos momentos. Eu realmente espero que os leitores, ao descobrir comigo novas pontes, conexões e novos fluxos que o livro procura explorar, me perdoem por esse desbotamento da filigrana. Outras desculpas são devidas: o livro não existiria sem a infinita paciência de minha companheira de vida, Sueli, e de meus filhos, Giulio e Pedro, que espero que me perdoem todas as horas que tive que negar o convívio paterno. Devo agradecer aos meus amigos, aqueles de sempre e os que tive a sorte de encontrar ou redescobrir durante esse último ano passado na Itália, e a todos os colegas que abriram portas e construíram pontes para mim. Dedico este livro aos irmãos Alfonso e Agostino Sansone, meu tio e meu pai, respectivamente.

Nota

- ¹ Na realidade, um projeto tão amplo deve ser coletivo, interdisciplinar, multicêntrico, multilíngue e apoiado pela generosidade e pela curadoria coletiva. Por falar em generosidade, gostaria de agradecer à Biblioteca de História Moderna e Contemporânea de Roma, onde as pessoas estão comprometidas com a disseminação do conhecimento sem preocupação com o poder, pelo contrário, exercita-se da melhor maneira a função adequada do poder público com relação ao conhecimento, facilitando sua disseminação e circulação. Em maio de 2014, nessa mesma biblioteca, organizei o Simpósio “Global Lombroso”, do qual este livro é, em grande parte, o resultado.

INTRODUÇÃO

Na trilha de Nina Rodrigues

Este livro deve muito a Raimundo Nina Rodrigues, um pioneiro dos estudos afro-brasileiros, que morreu com apenas 46 anos de idade, em Paris, em 1906, durante sua primeira viagem ao exterior. Juntamente com seu colega psiquiatra (e negro) Juliano Moreira, planejava visitar Cesare Lombroso (doravante CL) em Turim, por ocasião do VI Congresso Internacional de Antropologia Criminal, no qual foram celebrados os 50 anos de carreira do intelectual italiano.¹ Como era obrigatório para os cientistas positivistas da época, o corpo de Nina Rodrigues foi embalsamado por colegas parisienses (ou por Alexandre Lacassagne em Lyon) e, assim, retornou à Bahia. Em Salvador, entretanto, o corpo, em vez de ser disponibilizado para a medicina, como Nina Rodrigues desejava, acabou sendo enterrado, por desejo da família, ao que se somou a falta de entusiasmo dos colegas da Escola de Medicina em receber o corpo embalsamado de um professor tão ilustre quanto polêmico, pois colecionava fetiches e outros objetos mágicos.² Médico, etnógrafo, positivista, mestiço e racista (talvez essa última coisa *malgré lui*), mas também *ogan*.³

Foi procurando a correspondência que deve ter existido entre ele e Lombroso que começou o meu interesse por CL, suas ideias, sua rede ou galáxia internacional, sua originalidade em repensar a questão social e racial, e também seu ecletismo. Assim como CL, Nina Rodrigues era, em minha opinião, tanto um pioneiro quanto, se é que podemos defini-lo assim, um Dom Quixote da medicina social, uma disciplina em algum lugar entre a ciência social e a medicina “pura”, que ele mesmo via como mais próxima da primeira do que da segunda. Até o momento, as correspondências de Nina Rodrigues não foram encontradas, mas em dois casos eu as vi mencionadas: na biografia de CL escrita por sua filha Gina, em que Nina Rodrigues – referido como o contato que no Brasil aplica desde a cátedra as novas ideias

em prisões, asilos e julgamentos criminais – é até mencionado como “advogado”⁴ e no primeiro livro famoso de Fernando Ortiz, *Los negros brujos*, cuja primeira edição, publicada em Madri, é de 1906. Ortiz visitou regularmente, entre 1902 e 1905, o estúdio de CL em Turim e, de acordo com vários indícios fortes, foi lá que ele conheceu a obra *L'animisme fétichiste*, que Nina Rodrigues publicou em francês para poder ser lido na Europa e que enviou a CL, mas também a Marcel Mauss, que fez uma cuidadosa e positiva revisão.⁵ O esforço de Nina Rodrigues foi bem-sucedido e, de fato, na edição de 1895 da revista *Archivio di Psichiatria, Scienze Penali ed Antropologia Criminale (AP)*, fundada por CL em 1880, há até três referências a Nina Rodrigues: um resumo de *L'animisme fétichiste* em francês, uma resenha de seu livro feita por CL e outro artigo. Há duas outras referências a Nina Rodrigues na edição do volume XVI de 1896, no artigo em francês “Nègres criminels au Brésil” e em uma resenha de *Les races humaines*, escrita pelo próprio CL.⁶

Como acontece com muitos pais de uma disciplina ou um campo de pesquisa, mitos e histórias circulam em torno da figura de Nina Rodrigues. Se escreveram romances, como *Jubiabá*, de Jorge Amado, há especulações sobre uma possível colaboração com o colega negro Manuel Querino, autodidata e etnógrafo,⁷ e com informantes-chave importantes, como o africano Martiniano do Bonfim, babalaô⁸ e presidente de honra do II Congresso Afro-Brasileiro realizado em Salvador, em 1937.⁹ Nina Rodrigues foi apontado como o “maior propagador das teorias da Escola Positiva de criminologia na América Latina” (uma frase muito presente em Koch-Ammassari, 1992, e repetida por vários autores¹⁰) e sobre ele foi escrita uma importante biografia intelectual.¹¹ E há também as narrativas que eu gostaria de chamar de “vestais dos arquivos” (com as quais frequentemente associamos os “pretorianos do pensamento”), que por mais de um século mantiveram viva (ou embalsamada) a memória de Nina Rodrigues na Escola de Medicina da Bahia – assim como a de Paolo Mantegazza (doravante PM) em Florença e a de CL em Turim –, embora mais baseadas na imaginação do que em dados concretos. De acordo com Lamartine de Andrade Lima,¹² Nina Rodrigues morreu logo após visitar Lacassagne em Lyon e CL em Turim. No entanto, não há vestígios da correspondência de Nina Rodrigues¹³ e hoje sabemos que, infelizmente, ele não conseguiu conhecer pessoalmente o mestre CL, algo que certamente desejava muito.

No entanto, seguindo os passos de Nina Rodrigues, um pouco por intuição e muito por *serendipity*,¹⁴ encontrei alguns pedaços e muitos detalhes do que eu chamaria de galáxia: uma rede internacional, cujo centro era o estúdio de

CL, mas que logo criou uma série de subcentros liderados por seus discípulos ou epígonos. Era uma rede forte em muitos países europeus (principalmente França, Alemanha e Holanda, mas também Portugal, Espanha, Rússia, Inglaterra e outros) e também alcançava a Austrália, a Índia, os Estados Unidos e, com maior incidência, quase toda a América do Sul. Apenas uma parte, talvez uma minoria, dessas pessoas conhecia CL pessoalmente, seu estúdio e seu famoso museu-laboratório. Outros o conheciam muito menos, mas utilizaram-no em suas próprias batalhas, talvez reinterpretando ou mesmo crioulizando suas ideias em diferentes contextos. De fato, é possível mostrar que, pelo menos até a redescoberta de Gramsci na década de 1970, CL era o autor italiano mais citado na América Latina, tanto que até então, como veremos mais adiante, ele havia recebido vários prêmios na área de jurisprudência e “policiologia”. Teremos que esperar até a década de 1980 para que outros italianos voltem a ser massivamente citados na América Latina: Carlo Ginzburg, Umberto Eco, Toni Negri, Gianni Vattimo e Giovanni Arrighi. Nenhum deles era antropólogo. Porém, ainda em 2002, durante minha palestra na especialização em direitos humanos para os magistrados do Rio de Janeiro, para minha grande surpresa, um deles chamou CL de “mestre”! Portanto, se há uma parte do mundo em que o termo “lombrosiano” ainda é amplamente utilizado atualmente, essa parte é justamente a América Latina, apesar da importância assumida pelo DNA e do surgimento da genética popular que tomou o lugar da fisionomia da época. Trata-se, de fato, de um termo cujo uso lembra o da palavra “kafkiano”: não parece que seja necessário ler e conhecer Kafka para usá-la; algo semelhante acontece com os termos “gramsciano” e “felliniano”, que são eles mesmos usados com pouca exatidão. Podemos dizer que CL pertence àquele pequeno círculo de autores importantes para o pensamento racial e racista, entre os quais também estão Charles Darwin, Joseph-Arthur de Gobineau e Herbert Spencer, que são muito citados e nomeados, mesmo que inadequadamente, mas pouco lidos. Além disso, CL – mencionado nos jornais brasileiros do início do século XX, com termos como “caracterologista”, “fisionomista” e “psicopatologista” – não é apenas um dos intelectuais italianos mais citados no exterior (certamente o mais citado de sua época), mas também representa um caso exemplar de um certo clima intelectual e político italiano. Não estou tentando fazer nenhuma apologia ou revisionismo histórico: CL foi e continua sendo um personagem muito controverso. A minha tentativa é, mais simplesmente, a de traçar uma história detalhada das ideias sobre raça em CL e as repercussões dessas ideias na América Latina, prestando especial atenção a dois aspectos: como elas,

passando pelo espaço e pelo tempo, até mesmo na vida de um pesquisador individual, podem e devem mudar; como e quão importantes são as redes de contatos, nacionais e não, as histórias compartilhadas¹⁵ e as relações interpessoais na construção e manutenção de um paradigma científico (Adam Kuper, *apud* Matos, 2013). Veremos como se tratava de uma relação complexa e até mesmo ambígua, mas nunca de uma simples assimilação, por parte dos intelectuais latino-americanos, de tudo o que vinha da Itália. O estudo desses intercâmbios, inspirado na noção de histórias compartilhadas, além de ser necessariamente transnacional, ajuda-nos a entender tanto a complexidade dessas relações interpessoais e internacionais, quanto as condições para o desenvolvimento do conhecimento científico e a forma como funcionavam os fluxos e intercâmbios de ideias entre diferentes áreas linguísticas – portanto, não apenas dentro de uma ecúmena linguística (os mundos francófono, anglófono, lusófono etc.). Essas histórias compartilhadas desenvolvem-se dentro de uma configuração científico-intelectual determinada não apenas pelas relações de poder, mas também pelo que chamarei de fatores de atração e repulsão. Sobre os canais abertos daquela que chamo de galáxia Lombroso – uma coleção de congressos internacionais, conferências, revistas, jornais, livros, museus, viagens, correspondências, postagens de encomendas –, circularam ideias, projetos, pessoas, imagens e objetos (crânios, facas, amuletos, ossos, pedaços de pele possivelmente tatuados, instrumentos musicais, máscaras, múmias, carteiras de identidade da polícia, da prisão e do asilo, obras da chamada arte da prisão etc.). Graças a essa rede, criou-se um intercâmbio não entre iguais – porque, especialmente no caso do Brasil, o grau de institucionalização da vida acadêmica era muito inferior do que na Itália –, mas entre acadêmicos interessados em usar o outro; às vezes, ouvindo-o, às vezes, em um intercâmbio entre cegos e surdos. Mais importante do que descobrir novidades era corroborar hipóteses: a América Latina estava procurando algo no Sul da Europa, que, por sua vez, estava procurando algo mais na América Latina. Foi, portanto, uma recepção complexa e até ambígua, mas nunca uma simples assimilação pelos intelectuais latino-americanos de tudo o que vinha da Itália. Foi uma circulação internacional na qual os ícones eram globais, porém os significados eram frequentemente locais. Este livro tentará ilustrar a complexidade desse relacionamento, porque isso é fundamental para entender como as ciências sociais foram formadas na América Latina.

O estudo da recepção do positivismo europeu produziu uma verdadeira tradição na história das ciências sociais na América Latina. A recepção do que muitos chamaram de lombrosianismo produziu uma grande quantidade

de estudos. Alguns desses estudos, como o de Fernando de Azevedo¹⁶ sobre a história do pensamento sociológico no Brasil, são clássicos um tanto datados, enquanto outros, mais focados no lombrosianismo, são particularmente importantes para a reconstrução de uma história crítica da antropologia na América Latina. Sobre os três intérpretes mais importantes das ideias de Lombroso no Brasil (Nina Rodrigues), em Cuba (Fernando Ortiz) e na Argentina (José Ingenieros), falarei mais tarde. Além disso, há duas obras de referência sobre o trânsito de ideias entre a Itália e a América do Sul, na era das ciências positivas, que serão amplamente citadas ao longo deste livro: Barbano, Barbé & Olivieri, 1992 e Varejão, 2005. No entanto, a minha perspectiva é diferente, porque privilegio o enfoque das condições sociais inerentes a esses trânsitos na troca de ideias enquanto tal. Apesar das limitações impostas pela documentação, que é relativamente escassa considerando a importância, a duração e o tamanho das relações entre a galáxia Lombroso e a América Latina, esforço-me em mostrar os aspectos cotidianos e socioantropológicos desses intercâmbios: como eles realmente ocorriam, quem pagava as despesas, o que era esperado pelos que viajavam e pelos que convidavam, o que era dito e mantido em silêncio de ambos os lados, o que a imprensa da época e as revistas científicas relatavam sobre eles, quais eram as regras e o *habitus* da prática científico-acadêmica, o que viajava além das pessoas (artefatos, imagens, achados humanos ou não humanos, fichas e arquivos, materiais e métodos de pesquisa e catalogação etc.). Considero esse recurso antropológico aos detalhes útil para destacar também, e acima de tudo, a relação entre essas trocas e as várias agendas que determinam a geopolítica do conhecimento: a criação de um novo campo científico transnacional na interação entre ciência e cultura popular, a partir de vários pontos de vista e ações, e sob a égide do que Eric Hobsbawm chamou de “era dos Impérios”. Tudo isso gerava, de fato, uma geografia moral que identificava lugares ideais e definidos nos quais fazer pesquisa e obter impressões e sentimentos (fortes) trazidos para outro tipo de lugar, descritos como ideais não apenas para escrever, refletir e publicar os resultados de pesquisas realizadas em outros lugares, mas também para elaborar teorias ou esquemas de interpretação de valor universal. Se a galáxia Lombroso pode ser interpretada como uma metáfora para sua época e, em particular, para a Itália no período de Sedan (1870) até o assassinato do arquiduque Franz Ferdinand em Sarajevo (1914), a construção e o desenvolvimento do intercâmbio internacional a partir do estúdio turinense de CL representam um exemplo claro de como era concebido e funcionava o que era visto como uma “nova ciência”.

Veremos que a América Latina estava bastante presente nas redes e nos horizontes de muitos dos participantes da Escola Positiva, bem como nos primeiros passos da antropologia italiana. Dois dos pais da disciplina e, ao mesmo tempo, animadores dos primeiros e principais paradigmas, Paolo Mantegazza e Cesare Lombroso, incorporaram a América Latina em seus próprios horizontes e tiveram importantes contatos com ela. Primeiro, e pessoalmente, PM; depois, de uma forma muito mais profunda, CL, que, embora nunca tenha viajado para essas terras, fez com que muitas mentes viajassem para lá e, direta ou indiretamente, estimulou muitos projetos de engenharia social. Essa relevância da América Latina para a escola de antropologia positiva e para a antropologia italiana em geral, no período de 1880 até o final da década de 20 do século passado, não recebeu a devida atenção dos historiadores da antropologia.¹⁷ Isso talvez se deva ao fato de que, quando as ciências sociais foram consolidadas e institucionalizadas na Itália, após a Segunda Guerra Mundial, a estrela da América do Sul, por uma série de fatores que veremos mais adiante, já havia se apagado e gradualmente se tornou outro continente subordinado ao Ocidente, precisamente a América Latina.

Nos últimos anos, e especialmente por ocasião dos vários simpósios organizados em 2009 para o centésimo aniversário da morte de CL, foram publicados vários livros que analisam o fenômeno Lombroso na Itália e a rede de contatos tecida pela galáxia Lombroso em vários países europeus, e não só. Silvano Montaldo, incansável curador e inovador do Museu Cesare Lombroso da Universidade de Turim, editou várias obras importantes sozinho e com outros. A falecida Delia Frigessi escreveu obras monumentais de grande qualidade, assim como Mary Gibson.¹⁸ Portanto, existe uma importante *scholarship* sobre o fenômeno Lombroso. Embora com raras exceções (especialmente Caimari e Varejão), no entanto, a América Latina, que foi tão importante para consolidar a reputação internacional de CL e a prolongou ao longo do tempo, permaneceu à margem dessas interessantes releituras da obra lombrosiana. Aqui tentarei preencher, pelo menos em parte, essa lacuna.

Este livro está organizado em cinco capítulos. No primeiro capítulo, descrevo brevemente o contexto em que funcionava a galáxia Lombroso, para depois passar às coordenadas socioculturais do debate científico sobre a chamada questão racial, tanto na Itália como no exterior. Nesse debate, havia três termos recorrentes e interconectados: degeneração, questão social, raça. No segundo capítulo, eu me aprofundo no funcionamento da galáxia Lombroso, com seu núcleo duro e suas redes internacionais que acabaram sendo extremamente importantes. O terceiro capítulo trata das viagens de

três dos principais membros da galáxia [Lombroso] à América Latina: Guglielmo Ferrero, Gina Lombroso e Enrico Ferri. São viagens que podem ser interpretadas como uma metáfora da tipologia de contato entre a Itália e a América do Sul. No quarto capítulo, veremos o que aconteceu na América Latina com o chamado lombrosianismo após a morte de Lombroso. No quinto e último capítulo, seguem breves conclusões sobre a importância de Lombroso, ou reinterpretções de suas ideias, para a formação das ciências na América Latina.

Notas

- ¹ Juliano Moreira de fato participou do Congresso Internacional de Antropologia Criminal realizado em Turim, em 1906, como pode ser visto nos *Anais* disponíveis nos arquivos do Museu Cesare Lombroso.
- ² A curiosidade de Nina Rodrigues pela cultura material afro-brasileira, talvez uma verdadeira paixão, levou-o a coletar centenas de objetos associados aos cultos afro-brasileiros e reuni-los em uma coleção em uma sala da Escola de Medicina. Esse foi, sem dúvida, o núcleo de um futuro museu inspirado no de CL, que naqueles anos influenciou o nascimento de coleções de museus com temas semelhantes, como no caso o de Fernando Ortiz em Havana. Em 1905, a coleção de Nina Rodrigues foi incendiada, o que provavelmente foi um ataque incendiário provocado por colegas e alunos não apenas invejosos da relativa grandeza de Nina Rodrigues, mas também assustados com o grande número de fetiches que eles acreditavam ter um poder mágico e extremamente perigoso; até mesmo muitos magistrados pareciam acreditar nisso e, nos mesmos anos, condenaram os possuidores de fetiches. O positivismo da Primeira República brasileira, cuja bandeira dizia “Ordem e progresso” (uma amputação do ditado comtiano “Irmandade, ordem e progresso”), andava de mãos dadas com um grande medo da feitiçaria (magia negra) no Brasil, nas duas décadas seguintes à Abolição da Escravatura (Maggie, 1992).
- ³ Os *ogans* são homens ou políticos conhecidos que fazem parte do conselho consultivo das casas de candomblé mais importantes.
- ⁴ G. Lombroso, 1921, p. 211.
- ⁵ Mauss, 1901.
- ⁶ Nina Rodrigues publicava em português, mas logo traduziu, publicou e distribuiu, às suas próprias custas, seus dois primeiros livros em francês, para que pudessem ser lidos tanto pela escola de CL quanto pela escola de Alexandre Lacassagne em Lyon. De fato, o livro *As raças humanas/Les races humaines* começa com uma dedicatória aos “chefes da nova escola criminalista”, Lombroso, Ferri e Garofalo, mas também ao “chefe da nova escola médico-legal francesa”, Alexandre Lacassagne (Nina Rodrigues, 1895, p. 21).
- ⁷ Querino foi provavelmente o primeiro etnógrafo negro no Brasil. Sua obra, toda focada na Bahia, foi publicada em grande parte *post mortem* (ele morreu em 1923). Recentemente, houve um grande aumento no interesse, por parte dos estudos do conhecimento subalterno, pelo trabalho desse intelectual negro (Gledhill, 2021).

- ⁸ Sacerdote da religião iorubá.
- ⁹ Carneiro & Couto Ferraz, 1940.
- ¹⁰ Mariza Corrêa (2000, p. 357, n. 22) informa-nos que, no Prólogo do livro *L'anthropologie criminelle et ses recents progress* (Paris, Félix Alcan, 1896), CL dedica o livro a uma série de pesquisadores, incluindo Nina Rodrigues, definidos como “les apôtres de l’anthropologie criminelle en Europe” [os apóstolos da antropologia criminal na Europa]. Afrânio Peixoto também, no Prefácio e Epílogo da segunda edição de *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil* (Rio de Janeiro, Brasiliense, 1932), e Arthur Ramos, em *Loucura e crime* (Porto Alegre, Globo, 1937), fazem declarações semelhantes.
- ¹¹ M. Corrêa, 2000.
- ¹² L. A. Lima, 1980.
- ¹³ Parece haver algumas cartas curtas de Nina Rodrigues no Arquivo de Lacassagne em Lyon, em sua maioria simples notas enviadas com cópias de suas próprias publicações.
- ¹⁴ Esse estranho mecanismo que, em um arquivo, nos leva a encontrar um dado importante quando estávamos procurando por um completamente diferente.
- ¹⁵ Siegel, 2009.
- ¹⁶ Azevedo, 1964.
- ¹⁷ Foi no período entre a Tomada de Roma (1870) e a Marcha sobre Roma (1922) que o campo da antropologia foi definido na Itália, algo definido como ciências demoeitnoantropológicas.
- ¹⁸ Gibson, 2004.